HERMES

JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 4 · NÚMERO 23 · MARÇO 2025

Editorial

— António Braz

Presidente do Conselho Diretivo da U.S.G.

Caros Alunos e Professores,

O mês de Março traz sempre uma recordação muito querida: o aniversário da Universidade Sénior de Gondomar.

É sempre um momento de grande introspeção, no que toca ao trabalho que desempenhamos com os nossos alunos, mas, claro, é também ocasião de celebrar. Celebrar o convívio, a boa disposição, o saber, a partilha e a descoberta de novas experiências e novas amizades no seio da nossa comunidade.

É, por isso, muito merecido um grande bem-haja a todos os que tornam este projeto de envelhecimento ativo no sucesso que ele é. Um aplauso ao nosso corpo letivo, voluntários com enorme dedicação à comunidade. Um aplauso para o pessoal técnico e de apoio, sem o qual não poderíamos gozar das condições de que dispomos. Um aplauso ao executivo da Câmara Municipal de Gondomar, que reconhece o papel da USG e a apoia no cumprimento da sua missão. E. por fim, um aplauso aos nossos alunos, que são eles a razão de a USG existir.

É bom constatar que as iniciativas paralelas à USG continuam a encher corações, seja a nossa Tertúlia, a Poesia no Parque ou o ConVida, bem como todas as outras atividades que enriquecem a experiência de frequentar a nossa Universidade.

Bem-haja!

Barbáries a Dois Euros

— João Paulo Pinto

Ontem à noite estava a ver o telejornal. É incrível como a tecnologia diminui as distâncias e faz com que acontecimentos ocorridos no outro lado do mundo, em segundos, percorram o planeta. Todos os dias, somos bombardeados simultaneamente desde notícias de guerras e terramotos até ao campeonato asiático de futebol, ou à venda promocional de um shampoo por dois euros.

O que me preocupa não é a rapidez com que essas notícias chegam à sala das nossas casas, mas o facto de incluirmos tragédias humanas, lazer e consumo no mesmo pacote, e acharmos que tudo isso é natural, tão natural ao ponto de que comprar um cosmético a preço promocional ou assistir a uma novela seja tão importante quanto a perda de milhares de vidas numa guerra ou num terramoto.

Confesso que, para mim, tragédias não deveriam ser expostas juntas com essas frivolidades, como se as mazelas da humanidade fossem meros produtos de consumo em prateleiras de supermercado. Cada qual tem o seu valor, o seu tempo, a sua história, e ainda mais quando são vistos por milhões de pessoas no mundo inteiro.

Não consigo assistir indiferentemente a pessoas sendo mortas numa guerra juntamente com as instruções de como fazer um bolo de chocolate e, logo após, nos infindáveis intervalos, ver uma propaganda de cosméticos. À medida que o jornal avançava e o ecrã ia divulgando

as notícias, o sofá, antes macio e confortável, já começava a mostrar algumas incómodas protuberâncias que incomodavam o meu corpo e a minha consciência.

O programa informativo, que, para alguns, dura apenas meia hora, para mim, as suas notícias, as suas histórias, os seus sofrimentos, quase sempre tiram-me o sono ou até se transformam em pesadelos.

Claro que nem tudo que passa na televisão é desgraça. Não quero dizer também que um campeonato de futebol não tenha o seu valor de entretenimento, de fervor, de descontração. Afinal, a disputa entre

Sopa Campbell,
Andy Warhol (1968)

duas equipas é uma forma saudável de oponentes disputarem o mesmo troféu – em paz, sem guerras, sem armas. E também uma boa marca de shampoo é uma escolha acertada para quem deseja cuidar bem dos seus cabelos. Conteúdos mais amenos tornam o nosso final de noite, após um cansativo dia de trabalho, um momento de descontração. E isso é bom!

No entanto, eu queria conhecer primeiro a história daquela família ucraniana que perdeu a sua casa, os seus pais, os seus filhos, os seus amigos, e tentar entender um pouco da sua dor. Eu queria que os donos do poder tentassem justificar a uma mãe de Gaza, que acaba de perder o seu filho, os motivos de uma guerra. Eu queria que alguém me fizesse entender o real sentido das disputas territoriais, demarcações de fronteiras, quando poderíamos viver juntos, em paz e harmonia.

Quando acompanho nos noticiários um terramoto em qualquer parte do mundo e vejo pessoas soterradas, debaixo de betão e ferros retorcidos, tudo isso dá-me calafrios, e o meu coração bate mais forte quando os bombeiros pedem silêncio às pessoas para tentar ouvir um pedido de socorro, um gemido, um sinal de vida de algum sobrevivente soterrado por debaixo dos escombros daquilo que outrora foi o seu lar.

Não tenho dúvidas do bem, supérfluo ou necessário, que os meios de comunicação podem fazer conectando-nos, em pouco tempo, com todos os cantos do nosso planeta. O telejornal que entra em nossos lares divulga-nos simultaneamente bons e maus acontecimentos, todos os dias. No fim de contas, não é a rapidez com que as notícias entram nos nossos lares que me preocupa. O que me preocupa é o facto de, ao vê-las sendo repetidas tantas vezes, com o passar do tempo cheguemos a pensar que a barbárie é natural, que a tragédia é um espetáculo de futebol, e uma vida não custa mais que dois euros.

Uma Ilustre Desconhecida

— Lino de Castro

Nascida nova-iorquina, em 1867, June McCarroll futura médica exercendo clínica principalmente no estado da Califórnia, Estados Unidos da América, foi também uma ativista social e líder comunitária. Trabalhou persistentemente para a melhoria das condições de saúde da comunidade e, em paralelo, da sua segurança.

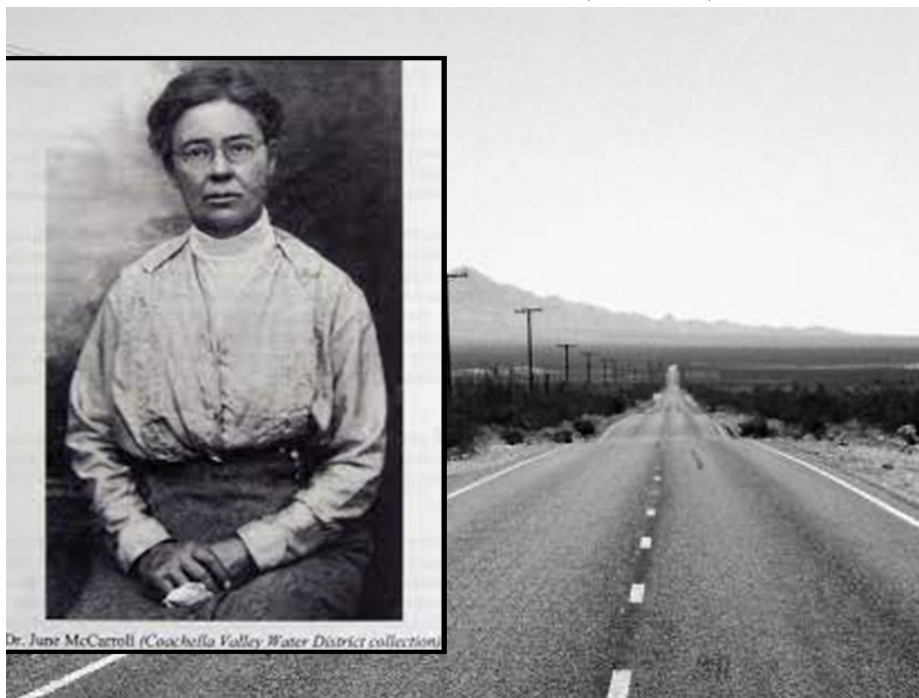
Em certa ocasião a Dra. June conduzia o seu Ford T, no Outono de 1917, quando um grande camião a fez sair da estrada que ambos percorriam, e cair numa vala de areia. Como tinha proximidade com vítimas de acidentes rodoviários mercê da sua profissão, começou a pensar em como melhorar a segurança rodoviária de veículos e pessoas.

Numa viagem posterior, reparou que a estrada em que conduzia tinha uma elevação ao centro, a qual fazia com que os carros permanecessem no seu próprio lado da estrada. Foi então que lhe surgiu a ideia de que a demarcação das faixas de rodagem com uma linha pintada no piso das estradas as tornaria mais seguras na condução dos veículos. Levou a ideia ao Conselho de Supervisores do condado de Riverside, Califórnia, e pintou ela mesma uma faixa branca com cerca de dois km de comprimento na atual estrada 99.

Posteriormente, June McCarroll apresentou a sua ideia como petição à Assembleia Legislativa do estado, da Califórnia, no sentido de que fosse promulgada uma lei que autorizasse a pintura de uma linha no meio de todas as estradas estaduais. A sua sugestão, aceite, tornou-se um grande sucesso, acabando por se espalhar rapidamente por todo o país, e, naturalmente, se afirmando como característica das estradas de todo o mundo.

A linha central divisória da faixa de rodagem passou a ser uma característica comum, e obrigatória, das estradas modernas, melhorando assim significativamente a segurança rodoviária e salvando inúmeras vidas.

Uma ideia simples, a da Dra. June McCarroll (comparável à do 'ovo de Colombo'?), recordada desde 2002 num troço da Interstate 10, com The Doctor June McCarroll Memorial Freeway. Bem-haja senhora, nossa ilustre desconhecida, por, pela sua iniciativa, a quantos de nós ter salvado (as nossas) vidas!

Dr. June McCarroll (Coachella Valley Water District collection)

Ao Lado do Rio

— Diamantino Torres

Todos os dias, Jordão, assim é o seu nome, deambula pelas margens do Rio Douro. Após um longo exercitar de pernas, sorvendo o ar fresco da manhã, senta-se no seu banco, observando.

Naquele dia de inverno, o sol espreitava por entre as nuvens para logo em seguida se esconder. Corria um vento gélido que aconselhava um gorro, bem quente, que protegesse a cabeça do desconforto das baixas temperaturas. Nem a roupa quente e aconchegante era suficiente para proporcionar algum conforto. Mesmo assim, não faltavam caminhantes que calcorreavam aqueles passadiços que vão de Gramido, em Valbom, até o Freixo, no Porto. Vidas em movimento. Novos, velhos, solitários, grupos, aquelas margens enchem-se de movimento.

Junto ao Clube Naval Infante D. Henrique, na margem do Rio, um bando de patos, indiferentes às baixas temperaturas, grasnam enquanto disputam, com as gaivotas, bocados de pão que um casal com uma criança pequena lança no Rio. Na disputa do alimento também concorrem peixes, cardumes, de tamanho considerável, que, submersos, repentinamente emergem para capturar o seu quinhão de alimento. Outros peixes, já saciados, dão saltos vigorosos saindo por breves instantes do seu meio aquático demonstrando energia e saúde. Uns metros abaixo, num espaço destinado aos exercícios físicos de força, está um homem, o Samurai de Gramido, que, apesar dos seus sessenta e muito anos, mantém uma compleição atlética e força invulgares construída ao longo de muitos anos de prática física muito intensa e regular. Todos querem falar com o Samurai de Gramido, principalmente depois que ele foi a um programa televisivo, de entretenimento, prestar provas, com outros concorrentes, tendo passado à fase seguinte. Todos o admiram. Os mais velhos e os mais novos olham para ele e cada grupo etário, com as suas razões: admiram o seu corpo atlético e musculado.

Perto do banco, onde descansa o Sr. Jordão, dois cães vadios urinam e farejam em tudo o que é esquina, sebes, bancos. Nota-se que os canídeos provocam algum desconforto nos transeuntes que se encolhem e os evitam quando os avistam. Os cães, rafeiros e insolentes, não se mostram acanhados: perseguem as pessoas, cheiram-nas. Não assumindo qualquer agressividade para com os humanos estes delinquentes atrevidos dão azo à sua liberdade.

Indiferente ao que o cerca, o rio, com um grosso caudal, típico do Inverno, corre para a foz. Dizem os mais antigos que antes da edificação das barragens, que controlam o caudal do rio, as cheias súbitas eram constantes e as consequentes inundações. Contrastando com o verão, quando o rio está pejado de navios de cruzeiro, barcos de recreio, embarcações desportivas, no inverno esta via aquática encontra-se no seu estado mais natural, apesar de há muito estar modificada no seu curso pela intervenção humana que o domesticou e assim tornou mais navegável.

O turismo, atividade sazonal, pressiona o leito fluvial até à exaustão, no verão, para depois o deixar em letargia, como urso hibernando.

Estando o Jordão absorto nos seus pensamentos, uma mulher na casa dos cinquenta anos, com ar abatido, senta-se ao seu lado. Esta saúda-o com um: boa tarde! Ao que Jordão responde nos mesmos termos. Está muito frio! diz a mulher; está mesmo, responde Jordão. A mulher queria falar e Jordão apercebeu-se disso. A senhora é daqui? Sou sim, respondeu a mulher. Eu costumo vir todos os dias para aqui e nunca a vi por estes lados, disse Jordão.

A mulher, no decurso do diálogo confidenciou-lhe que se chamava Joana e que trabalhava num barco de cruzeiro. Tinha enviuvado há três anos. O marido era apaixonado por ciclismo e tinha sido atropelado por um automobilista que se pôs em fuga. Não tinha filhos. A sua atividade profissional era ajudante de cozinha num desses barcos que no verão sobe o rio até ao Douro vinhateiro. O trabalho é muito! Os barcos vão pejados de turistas das mais diversas nacionalidades. A contrapartida financeira pelo trabalho prestado é baixa. A atividade quase que para no Inverno, época baixa, e por isso os rendimentos são inconstantes. Confidenciou-lhe que queria mudar de vida, mas a idade e as poucas habilitações lhe cerceavam os caminhos para uma vida melhor, pelo menos profissionalmente.

O que me custa é a solidão, disse a Joana. Com a morte do meu marido, fui-me isolando da comunidade e passo os dias sozinha com os meus pensamentos. O Jordão, também ele sozinho, disse-lhe que a compreendia.

Ficar em casa é que não, disse o Jordão e continuou: Venho para aqui caminhar e já fiz algumas amizades. Mas compreendo que viver sozinho não é fácil. Temos de ter iniciativa e atividades. Olhe, vou para a piscina três vezes por semana; leio e, como estou reformado, inscrevi-me na Universidade sénior. Porque é que a senhora não aparece por lá? Terei muito gosto em tomar um café consigo! E quando quiser conversar comigo esteja à vontade, eu ando sempre por aqui.

O rio continua, sempre a sua marcha imperturbável indiferente às vidas que se desenrolam à sua volta.

Aquela conversa, franca, fizera bem à Joana e ao Jordão. O tempo passou e ambos se despediram com um até à próxima. E lá foram cada um para seu lado mais confortados pela coragem que tiveram em saírem de si próprios e desvendarem as suas vidas.

XIX Aniversário da USG

No dia 18 de março, celebrámos o 19º aniversário da Universidade Sénior de Gondomar na cripta dos Capuchinhos. O presidente da União das Freguesias de Gondomar (S. Cosme), Valbom e Jovim e do Conselho Executivo da Universidade Sénior de Gondomar, Dr. António Braz, reconheceu o valor e a importância da USG no contexto social e cultural, parabenizando alunos, professores e funcionários, que, ao longo destes anos, têm sido o garante e o marco fundamental para o reconhecimento e o sucesso desta instituição.

Agradecemos a presença do presidente da Câmara Municipal de Gondomar, Dr. Luís Filipe Araújo, da Drª Teresa Aguiar, presidente da direção do grupo Psallite, e do presidente do Orfeão de Gondomar, Sr. José Manuel.

O nosso muito obrigado à nossa Tuna, que, generosamente, animou a nossa festa com uma fantástica atuação.

O salão ficou repleto de calor humano e de vozes que, harmoniosamente, entoaram os parabéns à nossa querida USG e que brindaram a muitos mais anos de sucessos e de conquistas.

Olá, Mãe

— M. Cecília Santos

Saiu de casa relativamente cedo porque não queria chegar atrasada à consulta, previamente marcada. De véspera, tinha escolhido alguma roupa que foi acomodando, sem preocupações, num saco de viagem improvisado. Algum vestuário ligeiro e outro mais quente para usar à noite. Costumavam ser frescas as noites em Rio Mau, dizia para os seus botões. Pela primeira vez, ia viver uma experiência singular, totalmente só consigo mesma e com os seus pensamentos. À noite teria a companhia do marido. Pela primeira vez, desde há muitos anos, a mãe não lhe faria companhia.

As tardes seriam destinadas à leitura de um romance histórico, variedade literária pela qual tinha vindo a revelar recentemente interesse, e as manhãs seriam ocupadas pela ida às Termas. Angelina preparava-se para uns dias de repouso, de relaxamento, na esperança de reencontrar o seu equilíbrio emocional e de recompor as energias perdidas.

Nos últimos anos, alguns acontecimentos e alterações sociais e familiares tornaram-lhe a vida mais difícil. Se tivesse de datar alguns factos, os mais relevantes, teria de recuar no tempo.

Efetivamente, a notada ausência dos filhos, agora adultos, era conversa recorrente em muitas ocasiões em que ora se encontrava com familiares, ora com as amigas mais próximas. Por vezes, até ficava com a sensação de que não chegavam a compreender bem o que queria dizer quando, alheio à sua vontade, um brilho nos olhos a atraiçoava quando ensaiava respostas para as perguntas banais feitas sobre os seus filhos. O que era feito deles? Onde estavam? O que faziam? Tinham arranjado trabalho?

António, o filho mais velho era a alegria da casa. Extrovertido, divertido e afetuoso sempre que entrava pela porta da cozinha, ao fim da tarde, era como se, de novo, os raios de sol beijassem aquele espaço. A mãe, Angelina, perdia-se com ele. Divertiam-se juntos, riam e conversavam sobre tudo e nada. Entre eles sempre tinha havido lugar à cumplicidade tornada visível numa estreita relação calorosa entre mãe e filho. Era o seu primeiro filho!

Os jantares em família com o pai e o irmão Joaquim sempre foram vividos como momentos especiais. Juntos, aproveitavam a oportunidade para a partilha de novidades, de vontades e de opiniões críticas sobre a sociedade em que viviam. Contavam uns aos outros as alegrias, mas também as tristezas e as desilusões sem esquecerem de colocar a tónica na esperança em dias melhores. Já, nesse tempo, a crise se fazia sentir, tal como referia o pai José. Os dias e os meses iam correndo na pacata delícia de à noite se encontrarem de novo e, de novo, voltarem a conversar, enquanto o jantar decorria.

Numa noite de setembro, à mesa, já depois de Joaquim, o filho mais novo, ter partido para Londres mal acabou a licenciatura, e num desses momentos de partilha, António comunicou-lhes uma decisão que, em breve, mudaria para sempre a vida de Angelina. José, um pouco distante, mantinha-se silencioso e tal como a mulher expectante.

- Tenho duas novidades para vos dar, disse António. A primeira é que em setembro vou viver para o meu apartamento. E a segunda é que para o ano vou casar.

Angelina sentiu o coração apertado e os olhos encherem-se de lágrimas. Tentando controlar as emoções que lhe toldavam o discernimento, reagiu:

- Se tencionas casar para o ano porque não sais da nossa casa apenas nessa altura?

O filho, talvez admirado com a reposta inesperada da mãe, respondeu-lhe com a certeza dos seus 28 anos:

- Se comprei o apartamento, se tenho de passar por lá para ver se está tudo bem, o melhor é mesmo ir viver para lá e não esperar pelo casamento.

Angelina conhecia o seu primogénito. Sabia que depois de tomar aquela decisão, a qual só podia ter a concordância da sua namorada Zulmira, não iria voltar atrás. Sentia, por isso, que não poderia fazer mais nada senão aceitar a sua decisão. Os laços que sempre os uniram iam romper-se. O seu menino partiria dali a três meses. E os avós como iriam eles reagir? Angelina sabia que iriam protestar imbuídos da certeza que só se sai da casa dos pais para se contrair matrimónio.

Ultimamente a avó Rosa dava sinais de que alguma doença do fórum intelectual se iria declarar. A tristeza tinha tomado conta dos seus dias logo após a morte estúpida do seu único irmão com quem gostava de conversar nem que fosse de longe, em longe. Seria a DA?

Angelina julgava saber bem o que representaria para os avós, especialmente para Rosa, a ausência do neto querido da casa onde todos moravam. Aquele neto era com quem se podia contar. Nunca se tinha afastado de casa. Nunca tinha estudado fora do país. De facto, tinham-lhe uma grande e desmedida afeição à qual António correspondia. O avô requisitava-o para tudo o que precisava e, a tudo, o neto respondia na medida dos seus conhecimentos. Notava-se que havia entre os dois, avô e neto, uma grande sintonia de saberes e de vontades. Desde os tempos da prática do remo, da qual o avô era um verdadeiro aficionado, que os temas de conversa acerca desta modalidade foram crescendo entre eles, aproximando-os naturalmente. Com a avó, António deliciava-se, divertindo-se com as brincadeiras, com a sua boa disposição e sempre com ditados populares na ponta da língua. Quem os observasse pensaria que aquela avó estava a legar ao neto muitos dos seus conhecimentos sobre os testemunhos orais de um povo. Porém, acima de tudo, poderia notar o enorme carinho com

que Rosa brindava aquele neto, de quem se tinha ocupado logo a seguir ao fim da licença de parto de Angelina.

Afinal não foi em setembro que ocorreu a saída de casa dos pais e avós de António, facto que alegrou muito a mãe na esperança de que o filho pudesse voltar atrás na decisão tomada. Porém, após a frenética arrumação e limpeza dos armários do seu quarto, António viu chegar o dia 30 de outubro com ansiedade. Nos dias anteriores já tinha transportado roupas, livros, CD's, enfim tudo o que julgava ter maior significado e interesse para ele num futuro próximo. O restante ficaria naquele quarto, que continuava a dizer ser o seu e que parecia querer preservar para sempre.

O momento de dizer adeus à casa materna chegou no fim da tarde daquele dia. Foi difícil para António que, embora tentasse disfarçar algum nervosismo, subia e descia as escadas com rapidez. Angelina estava inconsolável e não conseguia controlar as lágrimas quando se despediu do filho. A voz embargada pela emoção recusava-se a articular palavras e a pronunciar os votos de felicidades habituais em momentos como aquele. Por vezes, costumava sentir-se assim, impotente perante a comoção e incapaz de proferir uma frase. José olhava-a sem entender a extensão daquela perda materna. A ele parecia-lhe natural que assim fosse. Também ele um dia deixou a casa dos seus pais. Esquecia-se, no entanto, que os seres humanos não respondem da mesma maneira a situações aparentemente semelhantes. Mais uma vez, ele não estava a compreender a sua dor.

Após a saída de António, aquela casa nunca mais foi a mesma. A alegria, a ternura, a juventude que entravam por aquela porta, todos os dias, ao final da tarde, esmoreceram-se e os dias e noites tronaram-se mais solitários e sombrios.

Angelina tentava não pensar na ausência do filho. Afinal não estava muito longe dela, apenas do outro lado do rio e achava que o poderia ver com frequência. Além disso, Joaquim voltaria em breve e sentir-se-ia mais acompanhada.

Mas o final da tarde, à medida que o tempo foi passando, tornava-se cada vez mais frio e triste.

Angelina continuava sempre à espera que António entrasse pela porta da cozinha e lhe dissesse:

- Olá, mãe, cheguei!

Geometria, Luís Pimenta, São Pedro da Cova

Sou Primavera

— Milú Almeida

Encobri o rosto e secaram as
[lágrimas ...
Sem querer voltar para trás,
duma escolha faço um desafio
e às palavras vãs, faço rasteiras.

Empresto as minhas curvas
refletidas na cera do soalho,
e o perfume atapetado de silêncio
resultado do mergulho distraído
naquele lago perto e tão belo,
que tem um buda risonho
rodeado por um relvado.

Entro no barco mesmo sem saber
[remar ...
como se fosse passarinho,
sem réstia de medo, a navegar!

Flutuo sem algemas
entre as palavras vivas
a plateia e a cantiga,
no amor por mim mesma
e nos dias de março que deslizam
por minhas mãos espalmadas.

Dou uma cambalhota sobre tudo
- não quero ser mosca morta
sem esperança no futuro ... -
e aceito um convite de amor e um
[sorriso,
bálsamo da alma que dança,
onde bailam meus sentidos
e os sonhos coloridos
que eu com eles sou primavera
e uma rajada de calma!

O Poeta

— Etelvina Ferreira

Esta noite em que a lua
se esqueceu de ser lua
e se acendeu como um sol
[moribundo,
um lume gélido no alto do monte,
os sonhos deixaram o poeta:
um caminho sem rumo,
envolto na sombra.

As ruas murmuram segredos às
[janelas,
as janelas piscam os olhos de cristal,
e os telhados inclinam-se para ouvir
segredos em poesia de amor e
[sedução.

O vento distraído passeia
[amenamente,
como quem não sabe se parte ou se
[fica,
e o tempo...
O tempo escorrega entre os dedos
[da lua,
como um fogo apagado,
uma brasa sem vento.

O poeta caminha à procura da luz,
que nem é lua nem é sol,
apenas um reflexo de alguém que
[partiu
com as marés do tempo e do amor.

A Janela

— António Ferraz

Da minha janela eu vejo
os contornos da manhã,
ondas dispersas no vento
que parecem no momento
pedaços dum talismã.

E vejo o sol a nascer,
pequenino, pequenino
como a sede duma fonte,
a luz difusa dum monte,
os passos de um menino.

Nos meus olhos matizados
pelo sossego da hora,
consigo ver, submersas,
harpas de som que, dispersas,
são o silêncio que chora.

Vejo da minha janela
asas de sono que vogam
e safiras de luar
e mágoas que vão ao mar
onde as saudades se afogam.

Vejo o mundo à minha volta
como as cores duma aguarela.
Só não vejo o que queria:
aqueles olhos que, um dia,
eu vi da minha janela!

Interior com molho de flores (pormenor)
Bertha Wegmann (c. 1882)

ConVida

O ConVida, um espaço de partilha e reflexão, trouxe à USG, no passado 14 de fevereiro, Raquel Rego, Assistente Social, e Vítor Pinto Basto, Jornalista e autor da obra "A Arte de Ser Boa Pessoa". O evento proporcionou momentos profundos de conversa e aprendizagem, onde a essência da bondade e a importância do amor e da empatia foram colocadas em evidência.

Contou também com a presença do Presidente da União das Freguesias de Gondomar (S. Cosme), Valbom e Jovim, António Braz.

Atuações

No dia 18 de março, os nossos alunos do Grupo de Danças Regionais e da Cantata e Tocata atuaram na instituição de solidariedade social "O Amanhã da Criança", na Maia, e animaram a tarde dos mais pequenos com um pouco de tradição.

E, no dia 19, a nossa Orquestra de Acordeão atuou na residência sénior Carlos da Maia, proporcionando uma tarde maravilhosa aos seus residentes.

Eficiência Energética

No dia 20 de março, tivemos o prazer de realizar uma Sessão Laboratórios Vivos intitulada "Rumo à Eficiência Energética do Consumidor", dinamizada pela jurista da DECO, Margarida Malheiro. Esta iniciativa foi parte das celebrações do Dia Mundial dos Consumidores e teve como objetivo destacar a importância da eficiência energética.

Durante a sessão, também foi apresentada a nova iniciativa da Câmara Municipal de Gondomar, o Balcão de Habitação e Energia.

Tivemos a honra de contar com a presença da Dr.ª Filomena Santos, Diretora do Departamento da Cidadania e Estudos Estratégicos, além de Antonio Braz, Presidente da União das Freguesias de Gondomar (S. Cosme), Valbom e Jovim, e Presidente do Conselho Executivo da Universidade Sénior de Gondomar.